

Contexto e biografia

Meir Kucinski nasceu em 1904, no norte da Polônia, na cidade de Włocławek. Segundo a enciclopédia dos Judeus do Leste Europeu da YIVO, havia uma vida judaica consistente nessa não tão grande cidade: por volta de 13,5 mil judeus viviam lá em 1935, ou 20% da população. A vida sociocultural judaica se manifestava em instituições diversas, como escolas laicas e religiosas, clubes esportivos, jornais ídiche e em uma forte vida política, com três agrupamentos partidários principais: sionista (Poalei Tzion), socialista judaico (Bund) e ortodoxo (Mizrahi). Włocławek também foi marcada por ser a primeira cidade onde judeus precisaram usar o infame distintivo da estrela, no período nazista. Já em setembro de 1939, sinagogas foram queimadas, casas judaicas roubadas e os líderes comunitários assassinados. Hoje, lá, de judaico, resta uma placa de homenagem aos mortos no gueto da cidade e um cemitério - e só.

Os Kucinski eram uma família religiosa e simples. Meir tinha 9 irmãos. Seu pai, Henech Kucinski, era um sapateiro estudioso e politizado - sionista, ainda que não afeito a radicalismos ideológicos. Meir, por sua vez, foi um ativista desde a tenra idade, por volta dos 12 anos, inicialmente no Bund e depois no Linke Poalei Tzion, movimento sionista de esquerda. Nessa época já escrevia, e seus irmãos, reconhecendo o precoce talento, ajudaram a financiar seus estudos. Foi preso duas vezes por sua atuação política e na segunda, acabou deportado da Polônia. Assim, no ano de 1935 veio junto de sua esposa Éster à São Paulo, onde dois de seus irmãos mais velhos já viviam.

Aqui, logo arrumou trabalho como “Clientelchik”, termo ídiche-brasileiro para mascate, vendendo roupas à prestação, de porta em porta pela cidade. Enquanto isso, escrevia crônicas que enviava a jornais judaicos nos Estados Unidos, Argentina e na Polônia, além dos locais, claro. Meir conta não ter encontrado classe operária judaica no Brasil, e que por isso entendeu que seu ativismo deveria ser transferido ao terreno cultural e educacional. Assim, atuou como professor de literatura ídiche no Seminário de professores do colégio Renascença por mais de 20 anos; como delegado em congressos nacionais e internacionais; como orador, conferencista

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA), Linha estudos culturais, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: ernesto.honigsberg@usp.br.

e palestrante de temas da vida judaica, da Shoá e da literatura ídiche; e, por fim, como escritor, escrevendo sobretudo textos jornalísticos e literários - sempre em ídiche - sobre o encontro entre a vida judaica da europa oriental e a brasileira exibindo seu talento de “fino observador da vida e das relações sociais nesta sociedade”².

Em 1947, foi premiado por seu conto “Der Guibor” (O homem mais forte do mundo) pela revista ídiche nova iorquina Di Tzukunft. Com o prêmio e o reconhecimento internacional recebido, voltou da viagem com uma máquina de escrever em ídiche, isso impulsionou a continuidade de sua escrita e a futura publicação de dois livros: Nussekh Brasil (Estilo Brasil (ou, talvez, Jeito Brasileiro) de 1963, com contos) e Di Palme Benkt tsu der Sosne (A Palmeira Tem saudade do Pinheiro, coletânea de textos póstuma, de 1985), além de vários contos e textos espalhados por revistas, jornais e coletâneas de literatura ídiche. Ele faleceu em 1976, amargurado com o desaparecimento de sua filha, Ana Rosa, vítima da ditadura militar brasileira.

Imigrantes, mascates e doutores

Bernardo Kucinski resume o esforço literário de seu pai da seguinte maneira:

Ele escreveu sobre o modo de vida brasileiro. Acho que ele ficou, de certa forma, fascinado com o novo cenário, com os diferentes tipos de pessoas, e então escreveu sobre eles. Acho que o Brasil, para ele, foi uma espécie de aventura literária, uma espécie de inspiração. Um novo tipo de diáspora. (Bernardo Kucinski, 2018)

Parte importante dessa “aventura literária” foi traduzida ao português, em esforço coletivo e voluntário - e uso esse termo aqui sobretudo no sentido de “apaixonado” - na linda edição “Imigrantes, Mascates e Doutores” (2002), organizada pelas Profas. Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz.

A primeira parte do livro é dedicada aos contos sobre mascates - experiência que, como trouxemos há pouco, o próprio Meir viveu. Marcados por uma ironia ácida, esses contos falam das desventuras desses imigrantes vendedores-viajantes em seu novo país, da luta pela adaptação, restabelecimento da vida e do deslumbramento com as novas paisagens, costumes e pessoas que encontram no Brasil - e de um destino quase invariavelmente triste.

² BEREZIN, 2002, p. 25.

Um caso é o de Nokhem, mascate que acaba por se extenuar ao caminhar incansavelmente, sob o escaldante sol brasileiro, com suas mercadorias, obstinado na busca por ascensão social, entrando em colapso e desfalecendo por tanto trabalhar, sem conseguir ter tempo de desfrutar das melhorias que conseguira na vida; Outro, Ierakhmiel, acaba flagrado na casa da esposa do mesmo fiscal que deveria multá-lo por não ter licença para vender tecidos, escapando por um triz; Avrum, um dos mais curiosos, é um judeu vendedor de santas, repetindo pelas ruas o bordão de que vendia: "Nossas senhoras! Senhora das dores.. do bom parto... do bom pensamento! [...] Bem baratinho!"³, vendia até retratos da "Mona Lisa", ou, como anunciava, "sagrada Nossa Senhora da Beleza" - esse mascate vive encantado pelas mulheres brasileiras, com quem acaba entabulando frequentes conversas sobre assuntos íntimos, sob a justificativa de entender qual santa deveria vender a cada; há ainda o simpático Itzikl, descrito no conto como "gabola e poeta", espécie de malandro contador de histórias, que exhibe nos bares seus causos sobre negócios lucrativos e miraculosos mascateando ouro velho - em interessante passagem, ele próprio se inclui enquanto personagem da literatura ídiche ao iniciar um caso dizendo que se passa na cidade imaginária de Tévie, mais célebre personagem dessa literatura, "Vlakhlaklakois, que aqui se chama Aracaçabatuba"⁴, traduzindo livremente esse nome simultaneamente genérico, complicado e absurdo, metamorfoseando o cenário da gélida Europa Oriental para o clima tropical do interior brasileiro, preparando, assim, o terreno para mais uma de suas exageradas histórias.

Além desses, dois contos desse livro em particular nos chamaram muita atenção e merecem um olhar mais detido. O primeiro, "O Ator e o Professor Catedrático", conta a história de Mische Lipkes, veterano e popular ator, diretor e empresário, "a alma do teatro ídiche". Seu filho, Dr. Fábio (que relutava em ser chamado pelo apelido "Favischl"), é muito bem sucedido na função de médico, chegando a ser convidado para ser professor na Federal do Rio de Janeiro. Aos poucos, contudo, ele rompe qualquer ligação com a comunidade e seu passado judaico. Entrementes, Mische, o ator, falece e deixa como herança um baú, e sobre ele, uma carta em ídiche - língua que ninguém na casa conhecia. Finalmente traduzida, a carta se inicia com: "Neste baú está guardada toda minha vida" e, após descrever o conteúdo ali contido, se encerra com:

Todos esses materiais estão embebidos não somente com meu sangue, trabalho árduo, fome e miséria, mas também contam o sonho de uma vida, o ideal maravilhoso, o

³ KUCINSKI M., 2002, p. 55.

⁴ Idem, p. 52.

teatro ídiche. Isso é um tesouro que deve ser resguardado, porque fala de uma época fantástica na vida judaica. (Kucinski, 2002, p. 55).

Desinteressado pelo assunto, mas honrando o pedido final do pai, o filho resolve doar o material para uma instituição judaica, a YIVO, onde o material é recebido com enorme pompa, encanto e alegria. Organizam-se exposições para exibir os documentos e eventos para falar sobre o tesouro ali encontrado, despende-se, inclusive, grande soma de dinheiro para que o evento seja televisionado. O final do conto, contudo, deixa um gosto amargo: vendo na televisão as fotografias do pai atuando como um pobre carroceiro e, depois, com figurino de *hassid*, judeu ortodoxo, Dr. Fábio sente sua imagem arranhada, e faz ligação em tom ameaçador proibindo a divulgação pública de qualquer parte do arquivo de seu pai.

Há aqui uma crítica à desvalorização e abandono do passado e das antigas tradições, da literatura, música, do teatro e da cultura ídiche de maneira geral por parte das novas gerações, sedentas por integração, ascensão e sucesso na nova vida como brasileiros. Voltando à entrevista de Bernardo, ele revela que houve, por parte dos pais, um abandono do idioma polonês, que até então era a língua mais usada em casa, a partir de 1939 - o ídiche se torna o idioma de comunicação cotidiana a partir daí. Vemos aqui a importância que essa língua possuía para Meir - razão pela qual, inclusive, se mantém escrevendo exclusivamente no idioma até o fim de sua vida - era uma forma de tentar manter vivo um idioma que, segundo o próprio, “os leitores haviam sido mortos pelos alemães e os escritores por Stalin”⁵.

O conto “O Minian”, salta aos olhos pelos fortes contornos autobiográficos, ou ao menos autoficcionais. Ele conta a história do Professor Leibl, que lecionava literatura ídiche em um colégio chamado “Hatikvá”, “Esperança”, por mais de duas décadas, mesmo que seu trabalho fosse menosprezado e ele recebesse um salário menor que os colegas, ele dedicava toda sua paixão ao ensino. Em certo momento, contudo, a escola diz não ter mais espaço para suas aulas, por conta das modernizações demandadas pela nova geração que sonhava em ingressar nas melhores universidades. Leibl passa a viver de maneira bastante simples e solitária, sustentado somente por uma simples aposentadoria, que recolhe mensalmente. Em uma de suas idas mensais ao banco, recebe a proposta do judeu sefaradí que era dono do banco de passar a frequentar cotidianamente as rezas matinais na sinagoga erguida por aquele banqueiro, no Jardim América, em troca de uma complementação a sua parca pensão. Calado, consente, tendo a sensação de estar velho, excluído, derrotado. Vai, relutante, comparando-se às mulheres que

⁵ B. KUCINSKI, op. cit.

estão na rua, se sentindo um vendido, que abandonara toda sua ideologia, cujo “[...] livro de reza, e sua oração, eram a literatura ídiche e, seus deuses, eram os poetas e escritores da literatura ídiche”⁶. Ele acaba o conto, contudo, surpreendentemente encantado com a beleza de toda a liturgia judaica, sentindo que aquela reza havia tocado fundo em um lugar que ele até então não conhecia.

Há certo grau de auto-ironia nesse conto. Não que Meir tenha passado exatamente pela experiência do Professor Leibl, mas sabemos que ele de fato lecionou no colégio “Hatchiá-Renascença” - que lembra muito o “Hatikvá-Esperança” do conto -, e que eventualmente, com o desprestígio e desinteresse pela cultura ídiche acabou “sendo aposentado” de suas atividades. De acordo com Bernardo, ainda, Meir era “ativamente antirreligioso”, e a vivência da religião judaica mais forte que tinha era o Pessach e o Rosh Hashaná que aconteciam na casa de algum tio, e só - cabendo bastante bem na descrição do Prof. Leibl. Por isso, não deixa de surpreender bastante o final do conto. A forte impressão de Leibl com a atmosfera religiosa e com a própria liturgia judaica acabam fugindo do esperado, e dando um toque interesse a um dos poucos contos do livro que acabam em encanto, e não desilusão.

Considerações finais

Para finalizar, apresentamos algumas sutilezas que não conseguimos perceber entrando em contato somente com o texto traduzido⁷. É possível acessar gratuitamente, no site do Yiddish Book Center o livro de contos “Nussekh Brasil”⁸, que foi publicado em Tel Aviv em 1963, e escaneado a partir da cópia de uma biblioteca pública em Newark, EUA - o que mostra que essa literatura teve circulação internacional. No índice do livro, vemos que após os contos há um glossário de “Brazilianismen”, ou “Brazilianismos”. Indo a seção, podemos nos deliciar com alguns dos termos usados por ele no livro. Aqui, selecionamos alguns: primeiro, algumas curiosas transliterações ao ídiche de expressões do português como “Até logo”, em uma palavra só, “Sem vergonha”, “Ladrão de galinhas” ou “mande plantar batatas”; além disso, vemos palavras em português, mas escritas já com sotaque ídiche como “Gorjete”, de gorjeta; há, ainda, o caso de palavras como “Atrasirn”, do verbo “atrasar”, do português, mas acrescido pelo sufixo “irn” de conjugação verbal ídiche; por fim, destacamos “Tshvok”, palavra em ídiche que

⁶ Idem, p. 116.

⁷ Aqui agradecemos ao professor de ídiche Gustavo Emos pela sugestão e ajuda nesta análise, e à Profa. Dra. Nancy Rozenchan, pela complementação.

⁸ Disponível em: <https://www.yiddishbookcenter.org/collections/yiddish-books/spb-nybc203203/kucinski-m-nuseh-brazil>. Acesso em jun. 2023.

poderia ser compreendida por falantes do idioma como “prego”. Aqui, contudo, Meir a usa para traduzir o costume dos mascates brasileiros de identificar o portão dos clientes “caloteiros”, mau pagadores, com um prego, para alertar seus colegas de profissão do histórico que possui o morador daquela residência.

Apresentamos esse glossário em parte como anedota, mas também porque revela algo que parece o elemento central do projeto literário de Meir Kucinski: inserir o Brasil, e a vida judaica no país, dentro das móveis e fluidas fronteiras da Yiddishland - nome dado ao vasto espaço no qual se encaixavam as comunidades judaicas da Europa Central e Oriental, marcado pela unidade linguística, com o uso de variados dialetos do ídiche. Esse esforço do registro da particular variação do ídiche que se falava no Brasil, mas também de levar expressões do português brasileiro para a literatura ídiche mundo afora, é parte desse projeto - assim como as narrativas desses contos sobre os imigrantes judeus no Brasil aqui apresentadas.

Como o próprio tristemente observa, no entanto, não foi possível obter êxito nesse projeto - e talvez possamos apontar como grande marco da desilusão de Kucinski com o “sonho brasileiro” o sequestro e assassinato de sua filha por parte do próprio governo do país, em meio a ditadura militar. Ainda assim, mais do que sucessos ou insucessos, o que buscamos aqui foi observar e apresentar este projeto a partir da literatura de Meir Kucinski - que se revelou para nós, nessa aproximação, fascinante e de importância literária e histórica por si só. Rabi Tarfon, sábio talmudista, dizia: “Não é seu dever completar a tarefa, mas você também não tem liberdade para renunciar a ela”⁹. Em seu esforço sisífico, Meir seguiu isso à risca.

⁹ RABI TARFON. **Talmud, Pirkei Avot (A ética dos pais) 2:16**. Disponível em: https://www.sefaria.org/Pirkei_Avot.2.16?lang=bi&with=all&lang2=en. Acesso em jul./2023 (tradução nossa).

REFERÊNCIAS

BEREZIN, Rifka e CYTRYNOWICZ, Hadassa (orgs.). **Contos de Kucinski: Imigrantes, Mascates e Doutores**. Editora Ateliê, S. Paulo, 2002.

BERNARDO Kucinski's Oral History. **The Yiddish Book Center's Wexler Oral History Project**, 2018. Disponível em: <https://www.yiddishbookcenter.org/collections/oral-histories/interviews/woh-fi-0001067/bernardo-kucinski-2018>. Acesso em: 1 maio 2023.

GUINSBURG, Jacó. **Aventuras de uma Língua Errante**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

KUCINSKI, Meir (2019). Autobiografia. **Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG**, 13(24), 256–260. <https://doi.org/10.17851/1982-3053.13.24.256-260>

KUCINSKI, Meir. **Nussekh Brazil**. Tel Aviv: Farlag Y.L. Perets, 1963. 196 p. Disponível em: <https://www.yiddishbookcenter.org/collections/yiddish-books/spb-nybc203203/kucinski-m-nuseh-brazil>. Acesso em jun. 2023.

WODZIŃSKI, Marcin. **Włocławek**. In: YIVO, Encyclopedia of Jews in Eastern Europe. Włocławek.. Disponível em: <https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/W%C5%82oc%C5%82awek#author>. Acesso em: 1 maio 2023.